

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

O MUSEU COMO FERRAMENTA PARA COMBATER A DESINFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO MM GERDAU - MUSEU DAS MINAS E DO METAL

THE MUSEUM AS A TOOL TO COMBAT MISINFORMATION: A CASE STUDY OF MM GERDAU - MUSEUM OF MINES AND METALS

Juliana Carolina Ferreira Candido – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Renata Cardozo Padilha – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo deste trabalho é examinar a informação e a comunicação nos discursos expositivos sob a ótica da desinformação e da museologia social. A pesquisa adotou metodologia exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando o método de estudo de caso, tendo como objeto o MM Gerdau — Museu das Minas e do Metal, localizado em Belo Horizonte, MG. O estudo fundamentou-se em levantamento bibliográfico nas áreas da Museologia, Comunicação e Ciência da Informação, que serviu de base teórica para a análise. Como resultado, identificou-se que o processo de musealização, que transforma um objeto comum em objeto de museu, passando por etapas como aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, gera informações que quando associadas à documentação museológica, podem contribuir para novas formas de pensar os acervos, tornando-os mais acessíveis a diferentes públicos. Conclui-se que, em um cenário informacional marcado pela desinformação, é necessário que os museus adotem práticas interdisciplinares e se adaptem às exigências da era informacional, o que impacta diretamente seus processos de documentação e as estratégias de comunicação com os públicos.

Palavras-chave: museu; museologia social; informação; desinformação; MM Gerdau — Museu das Minas e do Metal.

Abstract: The objective of this study is to examine information and communication in exhibition discourses from the perspective of disinformation and social museology. The research adopted an exploratory and descriptive methodology, with a qualitative approach, using the case study method, focusing on the MM Gerdau — Museum of Mines and Metals, located in Belo Horizonte, Brazil. The study was based on a literature review in the fields of Museology, Communication, and Information Science, which provided the theoretical foundation for the analysis. As a result, it was identified that the musealization process, which transforms an ordinary object into a museum object through stages such as acquisition, research, conservation, documentation, and communication, generates information that, when associated with museological documentation, can contribute to new ways of rethinking

collections, making them more accessible to diverse audiences. It is concluded that, in an informational scenario marked by misinformation, museums must adopt interdisciplinary practices and adapt to the demands of the informational age, which directly affect their documentation processes and communication strategies with the public

Keywords: museum; social museology; information; misinformation; MM Gerdau — Museum of Mines and Metals.

1 INTRODUÇÃO

É de senso comum que o museu seja percebido como um lugar de memória. Embora transmita a impressão de preservar o passado, o museu não pretende conservar um significado eterno inerente aos objetos. Pelo contrário, atribui novos significados a objetos que foram retirados do tempo e do espaço em que foram originalmente produzidos (Santos, 2001). À medida que selecionam memórias com a intenção de salvaguardá-las, as instituições museais estão constantemente construindo novas narrativas a partir dessas escolhas. Embora ofereçam a ilusão de uma continuidade histórica entre diversas culturas e tradições, ou ainda de uma unidade cultural entre povos e nações, tais instituições não têm a capacidade de apresentar todos os pontos de vista sobre determinado tema, tampouco podem salvaguardar — no sentido de manter imunes às transformações do tempo e do espaço — o passado, as comunidades ou os grupos sociais em que se inserem.

Dito isso, os objetos presentes nos museus resultam de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas (Santos, 2001). Ao abordar essas construções, é imprescindível falar da Museologia Social, definida por Mário Chagas (2002). O autor relaciona a memória às relações sociais e de poder que são inerentes à memória representada por meio do fato museal, conceito proposto por Waldisa Russio (1989). Ao propor um novo olhar sobre a museologia, Chagas questiona as estruturas de poder que moldam a memória, evidenciando como o patrimônio é agenciado por essas relações. Em seus estudos, o autor relaciona continuamente memória e poder, discutindo como os conflitos entre esses dois elementos atravessam as instituições museais, que, segundo ele, são responsáveis pela salvaguarda de objetos representativos da sociedade. Para Chagas (1999), os museus se apresentam como locais de culto ao passado, como repositórios da memória e da história. Eles também conferem caráter institucional, legitimam e disseminam determinadas narrativas.

Como lugares de poder, podemos dizer que os museus são responsáveis pela seleção daquilo que legitimam. Para Chagas, a memória parte também da “vontade de memória” que resulta, em sua materialidade, na vontade de museu. Essas demandas não são uma exclusividade do mundo contemporâneo, em diferentes grupos sociais e em diferentes épocas podemos percebê-las e identificá-las (Chagas, 2010 p. 1).

Buscando discutir diversos modos de suprir essa vontade de memória, há tempos se discute que a Museologia não é apenas a ciência dos museus. Interdisciplinarmente, ela vai nos levar a refletir memórias, identidades, contextos históricos, educação, meio ambiente, a sociedade e toda sua complexidade. O fato museal, expresso entre as mais tradicionais até as mais pós-modernas instituições, são importantes pontos de memória onde se projetam histórias, emoções, as relações no espaço e tempo. Pode-se dizer então que a Museologia acompanha a complexidade das relações humanas que interagem com tais objetos, lugares e memórias. Mário Chagas (1990) propõe um novo fazer museológico apresentando novos olhares sobre o fato museal, uma contrapartida para a Museologia tradicional. Chagas se propõe então a pensar o fato museal para além da instituição. Dessa forma, propõe como conceito a Museologia Social, que busca fazer o uso social da memória. Para além da Nova Museologia proposta por Rússio (1989), Chagas propõe um novo fazer museal que também questiona as estruturas tradicionais do museu.

Portanto, este trabalho se justifica no desafio de aplicar os conceitos da museologia social nas instituições existentes, fazendo uma museologia acessível e principalmente, que apresente informação de qualidade e se comunique com os públicos, que contribua com os diversos debates sociais que o museu propõe. Ao mesmo tempo, vivemos uma era digital com uma carga informacional intensa, que questiona os modelos tradicionais de comunicação e dissemina desinformação. Neste trabalho, propomos uma reflexão a respeito da documentação museológica, que passa pelo acervo do museu, seu processo de escolha, de documentação, de exposição e, diante disso, como o museu se comunica com seus públicos. Como procedimento metodológico, será utilizada a metodologia de análise descritiva de caso, sob uma abordagem qualitativa. A partir de uma revisão teórica sobre a museologia social e a documentação museológica, propomos uma observação a partir de uma visita realizada o MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal. Buscou-se também analisar como a documentação museológica pode propor uma nova maneira de repensar acervos, tornando-os acessíveis a diversos públicos. Neste sentido, questionamos: como o museu pode ser um aparelho cultural

capaz de cumprir seu papel social oferecendo aos seus públicos um local de informação confiável e de qualidade?

2 SOBRE A MUSEOLOGIA SOCIAL

A trajetória da Museologia no início do século XXI foi marcada pela quebra da imposição ideológica sobre um pensamento cristalizado a respeito das práticas museológicas. O modelo tradicional de museus começou a ser questionado à medida que a sociedade passou a reconhecer a diversidade cultural, geográfica, ambiental e social ignorada por décadas. O desenvolvimento de práticas museológicas que contrariavam essa perspectiva tradicional impulsionou novas vertentes nos debates internacionais (Moura, 2020). Um marco importante foi a Mesa Redonda de Santiago, em 1972, no Chile, onde profissionais repensaram o papel dos museus, propondo um modelo mais alinhado às especificidades culturais, econômicas e ambientais latino-americanas. Embora esse evento tenha sido fundamental, as primeiras críticas à museologia tradicional surgiram na IX Conferência Geral do ICOM, em Grenoble (1971) (Moura, 2020). As discussões no Chile ampliaram o olhar dos museólogos, defendendo uma museologia mais próxima das realidades sociais da América Latina. O debate propôs diretrizes para que museólogos considerassem, em suas ações, os aspectos técnicos, sociais, econômicos e antropológicos dos contextos em que atuam. Assim, a afirmação da Museologia Social não nega outras vertentes, mas reconhece tendências que privilegiam a espetacularização e a padronização, ao mesmo tempo em que defende outros caminhos de pensamento e prática (Chagas; Gouveia, 2014).

A Museologia Social, conforme apresentada, compromete-se com a redução das desigualdades, o combate aos preconceitos, o fortalecimento da dignidade e coesão social, e a valorização da memória e do patrimônio das comunidades populares, povos indígenas, quilombolas e movimentos sociais, como o movimento LGBT e o MST. "Seria possível dizer que toda museologia é social, se toda museologia estivesse comprometida, teórica e praticamente, com essas questões; mas isso não acontece e sobre esse ponto não podemos ter ingenuidade (Chagas; Gouveia, 2014, p. 17).

Segundo o IBRAM (2013), a Museologia Social propõe museus como ferramentas comunitárias e participativas, permitindo que as pessoas pesquisem, preservem e divulguem suas próprias histórias em seus próprios termos. Assim, as decisões sobre quais memórias preservar são tomadas coletivamente, fortalecendo a identidade comunitária e estabelecendo conexões críticas entre passado, presente e futuros desejados. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre como a Museologia Social organiza os processos de

musealização. Ao acolher um objeto, o museu realiza sua documentação, compreendendo informações intrínsecas e extrínsecas. A qualidade dessa documentação influencia diretamente a narrativa e a comunicação do acervo com o público por meio da exposição, tornando necessário repensar os métodos de documentação.

Para Ferrez (1994, p. 1), “a documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem com a fotografia”. Além disso, configura-se como um sistema de recuperação de informações que transforma as coleções de fontes informacionais em instrumentos de pesquisa científica e transmissão de conhecimento. Assim, o objeto musealizado surge como documento, e a exposição, como discurso que visa à produção de sentido. Tradicionalmente, o acervo é acessível a pesquisadores e especialistas, mas atualmente observa-se o avanço na gestão de acervos digitais, buscando democratizar esse acesso.

3 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO: ACERVOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Para Padilha (2014) a documentação diz respeito ao registro de toda informação referente ao acervo museológico. Para a autora, a documentação museológica pode ser abordada por dois vieses: a documentação do objeto e a documentação das práticas administrativas do museu. Sobre o processo de documentação do objeto, Padilha (2014) destaca a seleção, a pesquisa, a interpretação, a organização, o armazenamento, a disseminação e a disponibilização da informação.

Ao ser adquirido pelo museu, o objeto perde e ganha informações. No que tange à sua utilidade, as informações referentes à sua função antes e depois de entrar no museu devem ser registradas, por exemplo, quando novos usos são dados por meio de exposições, pesquisas, publicações, entre outras (Padilha, 2014, p. 35).

A autora evidencia que é necessário documentar também o caminho do objeto na instituição bem como se deve documentar o objeto de modo mais completo possível, reunindo o máximo de informações sobre os itens.

Na maioria das vezes, encontra-se maior facilidade na recuperação de informações intrínsecas ao objeto, uma vez que se trata da descrição física, do que das informações extrínsecas, tendo em vista que é necessário recuperá-las por meio de outras fontes e que nem sempre são encontradas e, por isso, acabam não sendo registradas (Padilha, 2014, p. 36).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Sendo assim, a documentação museológica é considerada uma das principais vertentes na gestão dos acervos em museus, responsável pela organização, registro e mediação da informação.

Considera-se que a documentação museológica resulta de um processo contínuo de desenvolvimento que envolve não apenas a coleta de todas as categorias de informação disponíveis, mas também a comunicação do conhecimento. O objetivo desta é recuperar informações completas sobre o objeto, utilizando técnicas e procedimentos da biblioteconomia, como aquisição, registro, identificação, numeração, indexação e coleta de dados relevantes. Sua principal função é ilustrar como a relação entre os seres humanos e o mundo ao seu redor se manifestou (Reis, 2025, p. 66).

Partindo deste princípio, uma das preocupações centrais que o museu deve ter como prioridade, é desenvolver e adotar métodos que possibilitem a documentação de suas coleções. Caso isto não seja possível, este não cumpre seu papel como instituição de promoção do conhecimento a partir da organização de suas coleções.

O processo de musealização compreende diversas etapas que transformam um objeto em item museológico, atribuindo-lhe novos significados e funções, como seleção, pesquisa, interpretação, organização, armazenamento e disseminação da informação (Cury, 2005; Padilha, 2014). Assim, objetos tornam-se testemunhos e adquirem status de patrimônio. Segundo Brulon (2018, p. 190),

[...] musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido[...] simbólico. É recolocar, ou dispor para revalorizar. Reordenar, sem a perda de sentidos, mas visando a aquisição de informação ou a sua potencialidade. Processo este que escapa aos limites do museu.

Do ponto de vista teórico, a museologia social apresenta os conceitos necessários para repensar os museus. Do ponto de vista estrutural, é necessário que se pense na aplicação da Museologia Social no interior destas instituições. Não basta instituir novas técnicas, muitas vezes ultrapassadas ou distanciadas do nosso contexto sociocultural, é preciso refletir sobre os aspectos teóricos da Museologia, sobre o museu enquanto instituição social e sobre a necessidade de informação daqueles a quem serve. Assim, é necessário abordar o papel do museu na produção de conhecimento, e na transformação do objeto em documento a ser acolhido no seu interior, ou seja: a formação dos acervos, as exposições e como os públicos se apropriam desses processos.

Os objetos e documentos guardados nas instituições são carregados de informação; o simples ato de musealizá-los já comunica uma memória intrínseca a eles. Como nem tudo que

pode ser musealizado é efetivamente musealizado, a documentação museológica deve reconhecer os acervos como fontes valiosas de informação. A tradição normativa dos museus, centrada no objeto como comunicador isolado, tem sido superada pela compreensão de que o objeto carrega múltiplos níveis de informação. Essa informação exige normalização e análise metodológica, mas há dificuldades tanto na recuperação desses dados quanto na apropriação do público. Se o acervo é todo o conteúdo documentado, mas a comunicação se limita à exposição, grande parte da informação fica oculta do público.

4 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO: O MUSEU COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DE QUALIDADE

As exposições museológicas funcionam como sistemas comunicacionais com lógica própria, vinculadas à pesquisa e à ação cultural, envolvendo salvaguarda (coleta, estudo, documentação, conservação) e comunicação (exposição, projetos educativos, ação sociocultural e avaliação) (Cunha, 2010). No centro de Belo Horizonte, no circuito cultural da Praça da Liberdade, está o Prédio Rosa, arquitetura barroca inaugurada em 1897, que abriga desde 2010 o MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal.

A exposição inicial, “Espaço do Aço”, apresenta de forma interativa a importância do aço, seu papel na economia circular e inovações. No primeiro andar, o público percorre a memória das minas de Minas Gerais e seus minerais principais, como ferro, ouro, manganês, entre outros.

Figura 1 - Fachada do Prédio Rosa



Fonte: Site da Instituição, 2023

Na Sala das “Minas”, um elevador simula a profundidade da histórica Mina de Morro Velho, explorada desde 1835, a mais antiga mina de ouro em atividade contínua. Outras minas do estado também são apresentadas, evidenciando sua riqueza mineral.

Figura 2 - Projeção da Mina de Morro Velho



Fonte: Site da Instituição (2023)

A instalação Vil Metal permite valorizar commodities em ouro, relacionando atividades econômicas históricas. A sala “Espelho Mágico” oferece a experiência interativa de “vestir” joias de diversas épocas, proporcionando uma vivência única ao visitante. Já a sala Minerais do Brasil, dedicada ao Prof. Dr. Álvaro Lúcio, apresenta cerca de 400 espécies minerais brasileiras, incluindo amostras raras e valiosas, consideradas as melhores do país.

Figura 3 - Sala Minerais do Brasil



Fonte: Site da Instituição (2023)

Ao final, a instalação sobre sustentabilidade convida o visitante a deixar uma mensagem de otimismo, estimulando a reflexão sobre o futuro do planeta. A visita evidencia a importância da mineração e da metalurgia para a identidade, economia e memória de Minas Gerais, atividades que acompanham a história do estado e de seus habitantes.

Pollak (1992), em seu artigo intitulado de *Memória e Identidade Social*, afirma que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. Ele afirma que a identidade é um reflexo das memórias, de si e dos outros, e, portanto, ela é uma representação. Pollak apresenta o possível confronto entre a memória individual e a memória dos outros e deixa explícito que ao mesmo tempo que a memória é um fator importante para a construção de uma identidade, ambos são fenômenos construídos e seus valores são, portanto, disputados em conflitos sociais e políticos. No âmbito das memórias coletivas, o Museu das Minas e do Metal cumpre o papel de criar uma identidade unificada acerca do que a mineração e o extrativismo representam positivamente ao estado e na vida de cada visitante. Falando em memórias individuais, ao apresentar ao visitante a possibilidade de se integrar à experiência museal, o MM Gerdau Museu das Minas e do Metal gera identificações em cada um dos visitantes com os elementos minerais. Esses fatores reforçam o sentimento de continuidade e coerência, resultando em uma identidade de riqueza compartilhada por todos sem nenhum questionamento ou problematização.

Segundo Cunha (2010), uma boa exposição deverá estar baseada em um eficiente sistema documental que lhe embase os conteúdos, em excelente programa de conservação que possibilite ao museu cumprir seu papel de salvaguarda do patrimônio, e é preciso que a instituição se preocupe a ter um amplo programa de ações culturais e educativas, entendendo-se como um espaço a ser utilizado para o desenvolvimento social, para a elaboração e reelaboração de identidades e afirmação de cidadanias.

O MM Gerdau- Museu das Minas e do Metal, por meio de sua expografia, oferece ao público uma representação das riquezas que compõem a identidade do estado. Entretanto, sabe-se que historicamente não é só de ouro, minerais e pedras preciosas se fazem as memórias e a identidade dos mineiros. Diversos conflitos sociais e ambientais fazem parte das memórias que estão ocultas entre seus acervos. Quando falamos em mineração, o estado de Minas Gerais faz todo o jus ao seu nome. Segundo dados da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (CODEMIG) (2021), o Estado extrai mais de 300 milhões de toneladas de minério de ferro por ano e responde por cerca de um terço de toda a produção mineral do país, por 40% da produção de minerais metálicos e por aproximadamente 50% de todo o ouro produzido no Brasil. Minas Gerais é o maior produtor do país de zinco, ouro, fosfato, grafita, lítio e calcário, além de ser responsável pela extração de 75% de todo o nióbio

do mundo. Toda essa produtividade é resultado da forte ligação da atividade com a história e a identidade do estado.

Quando um Barão adquiriu, no séc. XVII, uma das maiores minas do país e aplicou seus recursos para desenvolver a indústria mineral brasileira, dedicou-se à exploração das reservas de minério de ferro, construiu a Imperial Fábrica de Ferro nas proximidades de Congonhas do Campo.

É interessante, mas lastimável, notar que a presença das empresas inglesas de mineração de ouro no Brasil, com todo o drama humano que isto representou, não despertou um real e válido interesse entre nossos historiadores e sociólogos, tão numerosos, se recenseados por títulos e atos de autopromoção. É louvável a recente iniciativa da Mineração Morro Velho S/A, que organizou seu Memorial, sinalizando que pretende proteger, resgatar, conservar a sua memória, impedindo que com ela aconteça o que destruiu outros valiosos acervos. Nós ousamos sugerir à Mineração Morro Velho S/A lançar um desafio a quem queira e possa, poder no sentido de ser capaz, de redesenhar o drama da presença dos ingleses em Minas Gerais, bem como os que por eles foram aqui trazidos, italianos e espanhóis etc. (Silva, 2007 p. 78).

A Mineração Morro Velho, hoje a multinacional AngloGold Ashanti Brasil Mineração, é um complexo de minas de ouro localizado próximo à cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. A produção da mina aumentou rapidamente nos primeiros anos, e a empresa incentivou a imigração de cidadãos britânicos para o Brasil para trabalhar na mina. A companhia também utilizou mão de obra escravizada, que predominou em sua força de trabalho na mina até a abolição no final do século XIX. A partir daí, segundo o autor, a mineradora passou a trazer imigrantes europeus para trabalhar nas minas. Neste ponto, Silva (2007) faz um questionamento a respeito do Memorial da Mineração Morro Velho: a invisibilização das memórias dos trabalhadores emigrantes e todos os outros que vieram para trabalhar nas minas, suas histórias e interações sociais que também integram as memórias e a identidade do estado. Embora ele não faça um bom recorte racial sobre o tema, neste artigo, Silva (2007) analisa neste trecho o museu que existia dentro da antiga mineradora. Mas essa fala poderia muito ser feita pelo Museu MM Gerdau das Minas e do Metal.

Se a atividade econômica e as riquezas que resultam dela estão muito presentes nas vitrines do museu, os trabalhadores que operam todo esse sistema parecem não existir na história. A memória da riqueza, da abundância, dos minerais escondidos no solo mineiro se confronta com uma história cheia de conflitos sociais que certamente influenciaram também na formação da identidade do estado, mas que por diversos motivos não interessa ao museu abordá-los. Segundo Pollak (1992), tanto a história quanto a memória são seletivas. A

memória, seja individual ou coletiva, é relativa e, portanto, não consensual. A história, por sua vez, escolhe consciente ou inconscientemente os problemas e métodos a abordar. Assim, múltiplas narrativas e memórias podem coexistir, mas é desejável que sempre se pense na história como uma ferramenta reflexiva e problematizadora que amplie a compreensão da experiência humana. A sensibilidade em negociar o que exibir ou ocultar num museu envolve reconhecer que, por trás das exposições, há um corpo afetivo, uma memória vivida que mostra influência novamente, consciente ou inconscientemente.

No museu, a narrativa expográfica contribui para que a mineração, apesar dos aspectos violentos, seja um elemento central da identidade dos moradores. Após o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, que matou 270 pessoas e causou graves impactos ambientais, o risco persiste: segundo o El País (2020), ao menos 50 barragens em Minas Gerais são consideradas de alto risco pela Agência Nacional de Mineração (ANM), que também contabiliza cerca de 400 minas desativadas no estado. Esses dados revelam que a mineração permanece forte nas tradições e memórias locais, mas continua sujeita aos seus impactos, muitas vezes sem o devido senso crítico.

Nesse contexto, a museologia deve cumprir sua função social educando por meio do debate e fomentando ideias para o futuro. A necessidade urgente de informar rapidamente gera uma “Crise Informacional” — termo de Castro e Ribeiro (1997) — marcada por questionamentos sobre a verdade e pela perda de controle sobre a produção da informação. Como ela é ambivalente e subjetiva, combater a desinformação em exposições exige rigor na curadoria, seleção cuidadosa e verificação das fontes, além da colaboração com especialistas (Farias, 2010). Expor é revelar e propor, apresentando concepções do mundo por meio de discursos visuais e espaciais, onde tanto o que é mostrado quanto o que é oculto traduzem sentidos e ideias. A educação voltada ao público é essencial, incluindo ações para identificar desinformação e a importância de verificar fontes, por meio de painéis, vídeos ou workshops (Posetti e Bontcheva, 2020). A transparência das fontes, com referências claras, reforça a confiabilidade do museu (Farias, 2012). A interatividade, também destacada por Farias (2012), pode ser uma poderosa ferramenta para estimular o pensamento crítico, usando tecnologias e jogos que desafiam a distinção entre fatos e desinformação.

A desinformação, termo conhecido também como infodemia (Rothkopf, 2003), propagada por meio das chamadas fake news, além de descredibilizar os dados e o conhecimento, também influencia nas decisões, opiniões e até mesmo políticas públicas.

Segundo Kalil e Santini (2020) o termo infodemia refere-se a uma sobrecarga de informações de diversos contextos, desprovidas de tratamento e credibilidade, podendo ser falsas, distorcidas e fundamentadas em suposições em vez de evidências.

Desta forma, é necessário que se busquem ferramentas capazes de gerar uma resposta eficaz e coordenada, que só pode ser alcançada por meio da colaboração entre diversos campos do conhecimento, destacando-se a Ciência da Informação. Neste contexto, é vital reconhecer a importância dos profissionais ligados à Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Ciência da Informação e áreas afins. Estes atores desempenham um papel crucial na promoção da alfabetização midiática, na curadoria de conteúdo confiável e na disseminação de práticas informacionais éticas. Suas contribuições são fundamentais para a construção de uma sociedade informada, crítica e consciente assim como abordado por (Araújo, 2021).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, inciso XXXIII insere o acesso à informação no rol dos direitos fundamentais como uma expressão democrática, fruto da união da esfera social e política. O acesso à informação somente é pleno quando democratizado, atingido sua função social. Isto se dá quando o usuário é capaz de acessar a informação, satisfazendo sua necessidade informacional. Logo, o acesso à informação trata-se de um direito civil, mas também político e social que acentua a importância jurídica assumida pela informação nas sociedades democráticas. Segundo Bourdieu (2006), a agenda política e os modos de gestão da informação têm que ser impactados pelo princípio da transparência nas informações oferecidas pelo Poder Público. Da mesma forma, as instituições museais devem se preocupar com a transparência no trato das informações e na maneira como as oferecem aos públicos.

Da mesma maneira que a infodemia está ligada à quantidade de informações que o usuário recebe, a desinformação nos museus também está ligada ao acúmulo de objetos e a necessidade de se buscar ferramentas que resolvam o problema dos acervos nos museus.

Nehmy e Paim (1998) afirmam que no contexto da CI, a desinformação tem duplo aspecto, o da má fé na divulgação de notícias falsas, e o da ausência de competência em informação para acesso e uso que satisfaça a necessidade informacional do usuário. Fato que, segundo os autores, limita a aquisição de novos conhecimentos e a atuação reflexiva das pessoas no seio social. Pinheiro e Brito (2014) ratificam o posicionamento de Nehmy e Paim ao colocarem que a ausência de informação desencadeia a desinformação .

No processo de documentação, o museu atua essencialmente na produção de conhecimento e na transformação do objeto em documento ao ser acolhido em seu interior. Lara Filho (2009) evidencia isso ao dizer que ao colecionar objetos e documentos o museu aproxima-se da biblioteca e do arquivo, no plano funcional, uma vez que todos eles trabalham com coleções, catálogos, classificações, identificação e conservação. Para o autor, não é possível enxergar a exposição como um processo de documentação em si, mas defende os princípios de organização e tratamento dos objetos como documentos na intenção de que seja extraído deles uma quantidade de informações com o objetivo de mostrar de forma didática, acessível e que agrade aos públicos. O museu deve trabalhar com a busca do sentido, oferecendo a possibilidade de, a partir de correlações que se estabelecem na construção da informação, apresentar o objeto em seus diferentes contextos e sugerir possibilidades de apropriação e de participação efetiva dos públicos nas exposições.

Dado o público heterogêneo dos museus, o desafio é garantir compreensão e significado para o maior número possível de visitantes. Embora a disseminação do conhecimento possa ocorrer por outros meios, como publicações e vídeos, a exposição destaca-se por seu caráter dinâmico e democrático, estando “aberta ao público” e esperando o engajamento do visitante. Por isso, sua produção deve se basear em ampla documentação e pesquisa histórica do acervo, um processo interdisciplinar que demanda recursos humanos, tecnológicos e materiais. Por fim, é fundamental que as instituições museológicas estejam atentas ao feedback do público, criando canais para identificar e corrigir rapidamente eventuais erros ou informações equivocadas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou que, embora a documentação museológica seja uma prática consolidada, ainda enfrenta desafios na incorporação de informações extrínsecas aos objetos e na superação da tradição centrada exclusivamente na materialidade dos acervos. O processo de musealização, ao atribuir novos sentidos aos objetos, evidencia nesse processo que o acervo não deve ser entendido como um fim em si mesmo, mas como um meio de comunicação, mediação e produção de informação e conhecimento. O estudo de caso do MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal demonstrou que os museus ao mesmo tempo que podem ser espaços de salvaguarda, também podem ser lugares de informação de qualidade e construção de identidades sociais. Entretanto, a crítica à sua narrativa expográfica

demonstra que, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza mineral e econômica de Minas Gerais, invisibiliza memórias de conflitos sociais e impactos ambientais. Essa seletividade histórica influencia diretamente a identidade coletiva apresentada, reforçando a necessidade de práticas museológicas mais plurais e inclusivas.

No cenário contemporâneo, marcado pela crise informacional e pela propagação da desinformação, os museus assumem um papel social ainda mais relevante. Cabe às instituições e aos profissionais se atualizarem aos modos de fazer, seja na curadoria, quanto na pesquisa, apresentando transparência nas fontes, ações educativas que estimulem o pensamento crítico e o diálogo com o público. A experiência museal, nesse sentido, deve ultrapassar a exibição contemplativa e convidar à reflexão e à participação na construção das narrativas sobre o passado e o presente.

Assim, museus públicos como o MM Gerdau carregam a responsabilidade ética e social de construir exposições que contemplem a complexidade das memórias e realidades locais. Somente ao garantir a pluralidade de vozes e histórias, poderão contribuir para o fortalecimento da cidadania, para o cumprimento do papel social dos museus, que se preocupem com o acesso de uma sociedade informada, crítica e consciente de seus desafios e possibilidades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Pós-verdade: novo objeto de estudo para a ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 94–111, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpr.br/ojs/index.php/informacao/article/view/69599>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Museologia e Patrimônio, Curitiba**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

CASTRO, Ana Lucia Siaines de. **O museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009. p. 121-144.

CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 13, 1999.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, 2002.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

COMPANHIA de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais. Disponível em: www.com.br/atuacao/mincodemigeracao/. Acesso em: 28 abr. 2021.

CUNHA, Marcelo. A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 109-120, 2010.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

EL PAÍS Brasil. **Tragédia de Brumadinho**: as 50 barragens em alto risco que mantêm a bomba-relógio da mineração em Minas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-23/as-50-barragens-em-alto-risco-que-mantem-a-bomba-relógio-da-mineracao-em-minas.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FABBRI, Angélica. Informatização dos Acervos dos Museus como ferramenta de acesso. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos**: diretrizes. São Paulo: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari; Governo do Estado de São Paulo, 2010, p. 26-29.

FARIAS, Sandra Martins. A exposição como meio de comunicação museológica. **Revista Arqumuseus**, São Paulo, p. 1-12, 2012.

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Estudos Museológicos**, Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. (Cadernos de Ensaios; 2).

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **PNEM: Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: Blog do Programa Nacional de Educação Museal, 2013.

KALIL, Isabela; SANTINI, R. Marie. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 de abril de 2020. São Paulo: FAPESP; Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. 21 p. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/sites/2/2020/04/Coronavirus-e-infodemia.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LARA FILHO, D. de. Museu, objeto e informação. **TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 163-169, maio/ago 2009.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014.

PAIM, Rosa Maria Quadros; NEHMY, Isis. A desconstrução do conceito de qualidade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan./abr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n1/05.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **Data Gram Zero, Rio de Janeiro**, v. 15, n. 6, p. 1-6, 2014. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/8068>. Acesso em: 02 out. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REIS, Mateus da Silva. **Leitura documentária na museologia**: proposta para um modelo teórico-metodológico para a indexação de objetos museológicos. 2025. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2025.

ROTHKOPF, David J. When the Buzz Bites Back. **The Washington Post**, Washington, May 2003. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RÚSSIO, Waldisa. Museu, museologia, museólogos e formação. **Revista de Museologia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-11, 1989.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, p. 101–118, 2001.

SILVA, André Januário da; WILKE, Valéria Cristina Lopes. O valor da desinformação no contexto do capital informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 51-69, 2023.

SILVA, Olintho Pereira da. **A mineração em Minas Gerais**: passado, presente e futuro. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistageonomos/article/view/11523>. Acesso em: 22 abr. 2021.